

Objetivo:

- Identificar a caridade em todos os aspectos, como alavanca de evolução da humanidade;
- Identificar que todos têm direito a liberdade de escolha e isso implica em responsabilidade e consequências;

Bibliografia:

ESE - Cap. 15 – Fora da caridade não há Salvação;

(*) O problema do ser, do destino e da dor - 3ª parte - Cap.12

(*) Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia Profunda - Divaldo P. Franco - item Luz da Caridade

LIVRE ARBÍTRIO

O que é o livre-arbítrio?

A história do pensamento registra grandes e profundas reflexões a este respeito, o qual, em essência, significaria a capacidade que temos de fazer livremente as nossas escolhas, escolhendo fazer ou não fazer aquilo que queremos.

Mas será que somos realmente livres?

Será mesmo que temos livre arbítrio para escolher aquilo que queremos?

Somos impelidos a responder pela afirmativa, pois nossas experiências diárias normalmente nos dão provas de que, sempre que nada exterior o impeça, eu faço aquilo que quero.

Porém a questão de fundo é outra, bem mais complexa, profunda e intrigante: será que eu sou livre para querer aquilo que eu quero?

Definição e conceito do Livre-arbítrio

Há + de 2 mil anos a religião e a filosofia discutem o conceito de livre-arbítrio.

Afinal somos realmente livres para fazer nossas próprias escolhas ou os fatores externos regem nosso destino?

No século 20, a psicanálise veio complicar ainda mais o debate, quando Freud afirmou que o inconsciente influi em nosso comportamento de um jeito que não podemos prever.

Um dos primeiros a escrever sobre o tema foi Santo Agostinho, no século 1.

Seu conceito concentra-se na relação entre Deus e o homem, a quem caberia a opção de aceitar a bondade divina ou então viver no mal.

Da idéia de Agostinho, permanece nas definições posteriores de muitos filósofos o caráter subjetivo da liberdade, ou seja, a noção de que está no homem o poder de decisão.

No século 19, começaram a tomar as idéias existencialistas, onde a liberdade do indivíduo ocupa uma posição central. De modo geral, para os existencialistas (como o célebre francês Jean-Paul Sartre), o homem é livre para fazer suas escolhas e deve lidar com responsabilidade e conseqüências.

Dois correntes se formaram ao longo da história da filosofia para responder a esta questão.

A primeira corrente, que remonta às tradições filosóficas representadas modernamente por **Descartes e Kant**, entende que o livre-arbítrio do ser humano seria completamente arbitrário.

O ser humano, portanto, seria capaz de sempre fazer qualquer escolha possível diante de qualquer situação.

É dizer: entre dez escolhas possíveis a chance de escolher qualquer uma delas vai ser sempre igual, ou seja, de dez por cento.

Essa primeira tradição filosófica é a que foi adotada por praticamente todas as vertentes filosóficas espiritualistas, pois é com ela que se torna possível isentar Deus do mal que existe no mundo.

O homem seria criado totalmente livre para escolher e fazer seu caminho, não sendo, portanto, culpa do Criador se a capacidade de escolha do homem, sempre absoluta, é usada para o mal.

Caberia ao homem apenas sofrer as consequências de suas escolhas, para o bem ou para o mal, nesta ou noutra vida.

Já a segunda corrente, que é muito bem representada pelo pensamento de **Spinoza e de diversos filósofos materialistas**, defende que o livre-arbítrio, se é que existe, não é absoluto, pois o homem seria condicionado a fazer suas escolhas a partir daquilo que ele é.

Se alguém escolhe ser mau, é porque ele é mau, porque a natureza o condicionou a tanto, desde que ele surgiu no mundo, para que ele assim o fosse.

Portanto, o livre-arbítrio, entendido enquanto faculdade de sempre escolher o que se quer, seria uma espécie de ilusão, posto que, em verdade, não seríamos livres para querer aquilo que queremos.

Spinoza chega mesmo a propor uma imagem interessante, ao comparar a existência do livre-arbítrio à "convicção" de uma pedra que pensa escolher o caminho que percorre enquanto cruza o ar até o local onde vai cair.

Essa segunda tradição filosófica é a que encontramos em praticamente todas as filosofias materialistas, que entendem que o homem nada mais é do que um agregado de átomos, células e experiências de vida, que são o que verdadeiramente definem aquilo que ele é e, portanto, aquilo que ele quer. Seu livre-arbítrio seria sempre condicionado.

Suas escolhas não poderiam ser diferentes daquelas que ele faz. Fica fácil perceber, portanto, a razão de praticamente nenhuma filosofia de tradição ou vertente espiritualista ter se filiado a esta segunda corrente, pois Deus passaria a ser culpado pelo mal que há no mundo. Afinal, se alguém pratica o mal e se esse alguém o pratica porque é mal (foi criado mal), então a culpa do mal praticado é daquele que o criou: Deus.

Então o Espiritismo, assim como as outras correntes filosóficas de tradição espiritualista, também partilharia da ideia de que somos absolutamente livres?

É o que poderíamos concluir de uma leitura isolada da questão 121.

L.E Q.: 121. Por que é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?

R.: "Não têm eles o livre-arbítrio? Deus não criou Espíritos maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanta para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por vontade própria."

Contudo, não é isto que pensamos se fizermos uma leitura atenta da obra de Kardec. Isto porque, segundo a doutrina espírita, nossa capacidade de escolha é sempre limitada, limites estes que são impostos justamente por aquilo que somos e pelo que já conseguimos nos tornar. Vejamos algumas passagens das obras kardequianas em que fica claro o modo como os Espíritos ensinam o livre-arbítrio:

L.E Q: 262. Como pode o Espírito, que, em sua origem, é simples, ignorante e carecido de experiência, escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?

R.:“**Deus** lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazeis com a criancinha. Pouco a pouco, porém, à medida que o seu livre-arbítrio se desenvolve, deixa-o senhor de proceder à escolha, e só então é que muitas vezes lhe acontece extraviar-se, tomando o mau caminho, por desatender os conselhos dos Espíritos bons. A isso é que se pode chamar a queda do homem.”

Vê-se, portanto, que o nosso espírito é o resultado de um processo de construção do próprio espírito, feito ao longo de várias encarnações. Neste processo, somos inúmeras vezes mergulhados dentro dos limites do corpo físico (reencarnações), inclusive sofrendo as influências que o organismo imprime à alma. É o que precisamos lembrar pela leitura de algumas questões de O Livro dos Espíritos:

Vê-se assim que o espiritismo talvez seja a única filosofia espiritualista que defende o livre-arbítrio como uma faculdade que nunca é absoluta, pois nossas escolhas estão condicionadas àquilo que somos. Sim, somos livres para escolher o que queremos, mas nem sempre para querer o que queremos. Nosso espírito, portanto, escolhe a partir daquilo que ele é.

Se formos egoístas, invejosos, ciumentos, orgulhosos, enfim, viciosos e imperfeitos, então nossas decisões tenderão a obedecer aos impulsos dados por essas características. Se formos generosos, humildes, caridosos, enfim, virtuosos e bons, então nossas decisões tenderão ao bem. Um espírito imperfeito não é capaz de fazer as mesmas escolhas de um espírito puro, pois aquele ainda precisa passar pelo processo de depuração que o faça galgar os degraus evolutivos da escala.

Deste modo, vê-se que, segundo o nosso entendimento da teoria espírita, o espírito não foi criado com livre-arbítrio, mas sim para, dentre outras coisas, adquirir livre-arbítrio. Contudo, esta conquista do livre-arbítrio nunca será absoluta – nem mesmo para o espírito puro, que não pode escolher degenerar –, pois sempre teremos nossas escolhas condicionadas à nossa natureza, àquilo que somos.

LEI DE CAUSA E EFEITO

A Lei de Causa e Efeito, conhecida também com o nome de Lei de Ação e Reação ou Lei do Carma, é uma lei natural, espiritual e universal, essencial para a evolução das almas.

Segundo a terceira **Lei de Newton**:

Para toda interação, na forma de força, que um corpo A aplica sobre um corpo B, dele A irá receber uma força de mesma direção, intensidade e sentido oposto.

Segundo os dicionários:

Ação – ato o efeito de agir. Manifestação de uma força, de uma energia, de um agente.

Reação - Ato ou efeito de reagir. Resposta a uma ação qualquer. Comportamento de alguém em face de ameaça, agressão, provocação etc.

Com os conceitos acima em mente e baseados nas obras da Codificação, podemos dizer que a **Lei de Causa e Efeito** é uma lei universal e imutável de Deus, onde cada um irá sofrer as consequências (reações) de seus atos, escolhas e pensamentos (ações). Boas ações irão gerar boas consequências e más ações irão gerar sofrimentos. Esta Lei é essencial para o nosso aprimoramento e não tem como objetivo nos castigar e sim corrigir.

André Luiz, no livro Ação e Reação, diz:

"É a conta do destino criada por nós mesmos, englobando os créditos e os débitos que em particular nos digam respeito. É o sistema de contabilidade do Governo da Vida."

Nosso Pai Maior nos deu o **livre-arbítrio**, que é a liberdade de escolha, mas por cada escolha iremos responder perante a Justiça Divina.

As boas escolhas produzem progresso evolutivo, enquanto as escolhas infelizes geram provações ou expiações que se configuram como mecanismos evolutivos. **As provas** são situações aflitivas que costumam ser objeto de escolha dos espíritos minimamente lúcidos ainda antes da encarnação. Por **expição**, o Houaiss entende como "purificação de crimes ou faltas cometidas". Seria uma situação da vida que envolve sofrimento físico ou psicológico, que se acha ligada a um evento passado, que o sujeito percebe como errado, ou de cujas consequências não consegue se evadir facilmente.

Carma - Kar = agir, fazer **ma** = efeito, ação. Enfoca as ações humanas e suas consequências. No hinduísmo e budismo tem correlação com punição, pois atinge o indivíduo que cometeu o delito. O homem torna-se escravo de renascimentos sucessivos sem chance de reverter ou amenizar sua situação.

Por que no Espiritismo não tem o mesmo significado que a lei de causa e efeito?

Qual seria a melhor forma de reparar um mal? Pela força do amor, sempre associada à vontade do indivíduo de querer efetivamente, reparar os erros cometidos.

Fatalidade e Determinismo

Fatalistas – o destino do homem está estipulado por uma causa divina ou transcendental, nada ou ninguém é capaz de alterar a ordem estabelecida no mundo e no Universo.

Deterministas – as circunstâncias que determinaram os fatos, excluem o acaso e o livre arbítrio.

Pode o homem mudar a ordem dos acontecimentos? Sim, pois o homem é construtor do seu destino e, de acordo com suas disposições íntimas, pode modificá-lo para melhor ou, também, complicá-lo.

Justiça Divina

Diretamente relacionada a lei de causa e efeito.

Justiça = respeito à igualdade de todos os cidadãos. Objetiva manter a ordem social através da preservação dos direitos.

Segundo Aristóteles, o conteúdo das leis é a justiça. O principal fundamento da justiça é a igualdade.

Igualdade = justiça distributiva e corretiva.

Distributiva – relações entre sociedade e seus membros.

Corretiva – relações dos membros entre si.

CARIDADE

Caridade. [...] S.f. 1. (Ética) No vocabulário cristão, o amor que move a vontade à busca efetiva do bem de outrem [...]. 2. Benevolência, complacência, compaixão 3. Beneficência, benefício, esmola. [...]

Na questão 893 de *O Livro dos Espíritos*, Kardec indaga qual a mais meritória das virtudes, obtendo dos Espíritos a resposta de que é a caridade desinteressada. Mas o que é caridade segundo a Doutrina Espírita? Para facilitar a compreensão, pode-se dividi-la em caridade material e moral.

A caridade material compreende aquilo que tem manifestação no mundo físico, devendo ser exercida com desprendimento e amor, sem humilhar quem recebe. O amor se manifesta na maneira como se dá, não incluindo os que doam algo apenas para se verem livres de quem pede ou para aliviar a consciência, mas sim a atitude realizada com real vontade de auxiliar. Já o desinteresse consiste em não esperar reconhecimento, gratidão ou retorno de qualquer espécie pela ação realizada, consoante a frase: "*que a mão esquerda não saiba o que dá a mão direita*". Assim, pode-se dar muito ou pouco, com muito ou pouco amor.

A caridade moral, como a entendia Jesus, é elucidada na questão 886 de *O Livro dos Espíritos*, como sendo benevolência (boa vontade) para com todos, indulgência (tolerância) para com as imperfeições alheias e perdão das ofensas. Esse conceito de caridade reúne todos os deveres do ser humano para com seu próximo, podendo ser exercitada através de três perguntas:

A - Ao pensar, julgando ou avaliando o próximo, como devo proceder? Com indulgência (tolerância);

B - Como deve ser a minha ação para com o meu próximo? Com benevolência (boa vontade);

C - Como devo receber a ação do próximo? Com perdão.

Assim, a caridade moral pode ser:

* verbal: palavras que consolam, esclarecem e edificam, prece que aproxima de Deus, silêncio ou suavidade no falar;

* mental: ondas mentais sob a forma de perdão, prece e amor, emitidas em favor de encarnados e desencarnados;

* gestual: afago fraternal, abraço, aperto de mão, sorriso, carinho;

* passiva: silêncio diante de uma ofensa, atenção perante um desabafo;

* mediúnica: amparo a encarnados e desencarnados através da faculdade mediúnica.

Sempre há condições e oportunidades para o exercício da caridade, pois não há quem não possa doar algo, dedicar atenção a um irmão, vibrar positivamente por alguém; cada indivíduo, porém, procura e encontra meios de realizar o bem de acordo com a sua evolução espiritual. Mas, à medida que compreende que fora da caridade não há salvação (evolução), o Espírito esforça-se por praticá-la em suas diversas manifestações, eliminando assim, gradualmente, o orgulho e o egoísmo, na exata proporção que se eleva a Deus.

Conseguimos ter maior compreensão da caridade que **Jesus** nos fala, quando interiorizamos as suas palavras: **Caridade é benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias e perdão das ofensas.**

O amor e a caridade são complementos da **Lei de Justiça**, porque **amar o próximo** é fazer-lhe todo **o bem possível**, todo **aquele bem que desejaríamos que nos fosse feito**, e é este o sentido das palavras de **Jesus**: **"Amai-vos uns aos outros como irmãos."**

E **Emmanuel**, espírito mentor de **Chico Xavier**, ratifica estes ensinamentos dizendo que : **"A caridade é o processo de somar alegrias, diminuir males, multiplicar esperanças e dividir a felicidade para que a Terra se realize na condição do esperado Reino de Deus"**.

Como nos Diz o **Apostolo Thiago** "Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta".

Bezerra de Menezes nos diz: "É necessário meditar no bem; todavia, é imprescindível executá-lo. ".

Obs* Lembrar do história da Condessa Paula relatado no Livro o céu e o Inferno, no capítulo Espírito Felizes, e também do relato no livro O Evangelho segundo o Espiritismo no capítulo 13 "Que mão esquerda não veja o que faz a direita" no item "Infortúnios ocultos".

Fazer uma comparação com o Caso da Rainha de França que se encontra relatado no evangelho Segundo o Espiritismo no capítulo 2 "O meu reino não é deste Mundo" no item "Uma realeza terrena".

CARIDADE - por Richard Simonetti

Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?

Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.

Questão nº 886 (Das Leis Morais, em O Livro dos Espíritos).

Muitos centros espíritas levam o nome *Amor e Caridade*. Evidentemente não imaginavam seus fundadores tivessem o mesmo significado, algo como *Luz e Claridade* ou *Paz e Tranquilidade*.

Caridade seria, na ótica de *O Livro dos Espíritos*:

Benevolência, que se exprime na boa vontade e na disposição para praticar o Bem;

Indulgência, que é clemência e misericórdia para com as imperfeições alheias;

Perdão, que é o ato de desculpar ofensas.

Exercício de benevolência: *Trabalho* em favor do semelhante.

Exercício de indulgência: *Solidariedade* em face das limitações e fraquezas do próximo, evitando discriminá-lo.

Exercício de perdão: Esquecimento do mal que se tenha sofrido de alguém, num ato de *tolerância* esclarecida que se exprime na compreensão.

Talvez tenhamos aí a origem da máxima de Kardec *Trabalho, Solidariedade e Tolerância*, a orientar a ação espírita. Sem tais princípios não há a possibilidade de um entendimento perfeito entre os homens na construção de um mundo melhor.

E o Amor?

Amor é afeição profunda. É gostar muito. Ê, em sua acepção mais nobre, querer o bem de alguém na doação de si mesmo.

Decantado pelos poetas e exaltado pelos sonhadores, o Amor é abençoado sol que ilumina e aquece os escabrosos caminhos humanos.

Só há um problema: é impossível sustentá-lo, torná-lo operoso e produtivo sem o combustível da caridade.

Encontramos na via pública uma mulher em penúria, rodeada de filhos maltrapilhos e famintos. Sensibilizamo-nos:

– Que quadro triste, meu Deus! Quanto sofrimento!

Estendemos-lhe alguns trocados e seguimos em frente, evocando, cheios de compaixão:

– Jesus a ampare, minha irmã!

Naquele exato momento brilhou em nós uma réstia de amor, infiltrando-se no impassível egocentrismo humano.

Mas que amor vazio, efêmero! Um amor quase inútil, que se limitou à esmola para aliviar a consciência, transferindo para o Cristo providência melhor, sem considerar que Ele esperava por nós para atendê-la com a iniciativa de parar, conversar, conhecer melhor a extensão de seus problemas, ajudando-a. Sem caridade o amor pode ser muito displicente...

Temos um grande amigo. Gostamos muito dele. Um dia ele faz algo que nos desagrada. Irritamo-nos profundamente. Azedamos nosso relacionamento. Distanciamo-nos, jogando fora uma gratificante amizade. Sem caridade o companheiro mais querido pode converter-se num estranho...

O casal vive muito bem. Marido e mulher amam-se profundamente. Um dia ele comete um deslize: envolve-se em aventura extraconjugal. A esposa toma conhecimento e o abandona imediatamente, não obstante ele implorar-lhe que fique, dilacerado de remorsos. E estagiam ambos em crônica infelicidade, marcada por insuperável nostalgia. Sem caridade o afeto mais ardente pode ser afogado num oceano de mágoas e ressentimentos.

No passado muitos religiosos instalavam-se em lugares ermos, impondo-se privações e flagícios como sacrifício em favor da Humanidade. Em sua maioria apenas comprometeram-se em excentricidades e desequilíbrios. Sem caridade o amor pelo semelhante pode converter-se em perturbadora paixão por nós mesmos...

O apóstolo Paulo vai bem mais longe ao assunto (*I Coríntios 13:1-3*), quando destaca que ainda que detenhamos o verbo mais sublime, a mediunidade mais apurada, o conhecimento mais profundo, a convicção mais poderosa, o desapego mais amplo e inabalável destemor da morte, isso tudo pouco valerá se faltar a caridade, isto é, se não estivermos imbuídos do desinteresse pessoal, no desejo sincero de servir o semelhante.

E Kardec nos oferece a mesma visão da inutilidade de todas as iniciativas em favor da redenção humana, se faltar o componente básico, ao proclamar: *Fora da Caridade não há Salvação.*